


PARA ALÉM/AQUÉM DA LINGUAGEM: ALGUMAS QUESTÕES EM TORNO DA LITERATURA BRASILEIRA ESCRITA POR MULHERES NEGRAS

Beyond/below language: some questions surrounding Brazilian literature written by black women

Jair Zandoná¹

<http://orcid.org/0000-0002-4301-9436> 

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Campo Grande, MS, Brasil. 79070-900 – ppgel.faalc@ufms.br

Resumo: As contribuições de Teresa de Lauretis (2019) no que diz respeito às concepções culturais de masculino e feminino, que formam um sistema de gênero, produzem um sistema simbólico ou de significações responsável por organizar valores e hierarquias culturais sobre os conteúdos culturais. Dessa maneira, o “sistema sexo-gênero” (Lauretis, 2019) relaciona-se tanto a fatores políticos quanto econômicos nas sociedades, motivo pelo qual, na senda das reflexões de Norma Telles (1992), gênero importa sempre, assim como raça, classe, sexualidade etc. Ao passo que tanto o sistema sexo-gênero quanto o colonial, interferem nos modelos de conhecimento e de relacionamento, os quais estão estruturados de maneira a produzirem vantagens para algumas pessoas e (muitas) desvantagens para outras, este trabalho pretende tomar a literatura brasileira produzida, sobretudo, nos últimos séculos por mulheres – com ênfase à de autoria negra – como campo profícuo para tensionar esses sistemas. Se figuras como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus – entre tantas outras escritoras negras obliteradas pela crítica e pelo tempo – são exemplares para o debate ensejado, Conceição Evaristo e, mais recentemente, Marilene Felinto, Cristiane Sobral, Jarid Arraes – para citar alguns nomes – contribuíram e têm contribuído na produção de rupturas, de contranarrativas para uma prática disruptiva do cânone.

Palavras-chave: história da literatura; literatura brasileira; literatura de autoria feminina negra.

Abstract: The contributions of Teresa de Lauretis (2019) with regard to the cultural conceptions of masculine and feminine, which form a gender system, produce a symbolic system or meanings responsible for organizing cultural values and hierarchies over cultural contents. In this way, the “sex-gender system” (Lauretis, 2019) is related to both political and economic factors in societies, which is why, following the reflections of Norma Telles (1992), gender always matters, as does race, class, sexuality, etc. While both the sex-gender system and the colonial system interfere with models of knowledge and relationships, which are structured in such a way as to produce advantages for some people and (many) disadvantages for others, this work intends to take the Brazilian literature produced, above all, in recent centuries by women – with an emphasis on black authors – as a fruitful field for tensioning these systems. If figures like Maria Firmina dos Reis and Carolina Maria de Jesus – among many other black writers obliterated by criticism and time – are exemplary for the debate, Conceição Evaristo and, more recently, Marilene Felinto, Cristiane Sobral, Jarid Arraes – to name a few some names – contributed and have contributed to the production of ruptures, of counter-narratives to a disruptive practice of the canon.

Keywords: history of literature; Brazilian literature; literature written by black women.

Para início de conversa¹

José Luis Jobim (1992), em seu verbete-ensaio dedicado à história da literatura, discorre sobre alguns caminhos possíveis para a realização dessa tarefa. Um deles é o de tomar como referência um determinado “universo de autores e [de] obras consagrados como clássicos” pelo cânone² (Jobim, 1992, p. 127). Nesse caso, entendemos que esse trabalho da historiografia literária (re)produziria discursos que mantêm e sustentam um sistema simbólico de poder, uma vez que elegem determinados escritores e obras em detrimentos de outros – e aqui o uso do masculino é proposital. Nesse sentido, Roberto Reis (1992, p. 67) afirma que “a linguagem também hierarquiza e engendra em seu bojo mecanismos de poder, na medida em que ela articula e está articulada pelas significações forjadas no seio de uma cultura [, posto que] as ideologias estão operando para garantir a dominação social.”

Conforme aponta Jobim (1992, p. 129), “cada época tem seu quadro de referência para identificar a literatura, tem suas *normas estéticas*, a partir das quais efetua julgamentos [...] tem suas convenções, valores, visões de mundo”, de maneira que a discussão do que é ou não literatura, para o estudioso, demanda considerar o contexto de produção de uma obra. Além disso, nessa complexa trama, é impossível desconsiderar o importante papel do/a leitor/a, inevitavelmente inscrito/a em uma certa “tradição cultural” responsável por fundamentar sua concepção de arte, e que seria responsável por aprovar ou reprovar a pertinência de uma obra “na solidão de sua biblioteca” (Jobim, 1992, p. 134). As reflexões do estudioso no que diz respeito às questões acerca da história da literatura, como periodização literária, estilo de época, origem e tradição, são bastante elucidativas³. Ao final, provocativamente, menciona sobre os limites “perigosamente comuns” em que alguns críticos e historiadores se situam, por estarem alinhados à “tradição” (Jobim, 1992, p. 146).

É dessa provocação feita há mais de 30 anos que pretendo tomar a literatura brasileira produzida, sobretudo, a partir dos últimos séculos por mulheres como pauta e

¹ Uma primeira versão desse texto foi apresentada na mesa-redonda “O discurso para além das palavras” que integrou a programação do VI Seminário Internacional de Estudos de Linguagens e da XXIV Semana de Letras, realizado na UFMS, Campo Grande/MS, entre os dias 13 e 17 de novembro de 2023. Agradeço à professora Tânia Regina Oliveira Ramos pela primeira leitura.

² Com relação ao cânone, vale retomar as palavras de Roberto Reis: “a presença de escritores europeus é esmagadora. [...] Há poucas mulheres, quase nenhum não-branco e muito provavelmente escassos membros dos segmentos menos favorecidos pela pirâmide social com efeito, a literatura tem sido usada para recalcar os escritos (ou as manifestações culturais não-escritas) dos segmentos culturalmente marginalizados e politicamente reprimidos – mulheres, etnias não-brancas, as ditas minorias sexuais, culturas do chamado Terceiro Mundo. [...] O cânon está a serviço dos mais poderosos, estabelecendo hierarquias rígidas no todo social e funcionando como ferramenta de dominação.” (Reis, 1992, p. 73).

³ Conforme Jobim, o organizador do livro *Palavras da crítica*, o propósito do volume era o de oferecer “uma ideia mais detalhada das diversas questões envolvidas na conceituação dos termos literários selecionados como verbetes”, cujos termos também são “importantes para diversas áreas das Ciências Humanas.” (Jobim, 1992, p. 9). Integram o volume 18 verbetes: Autor, Autor+a, Cânon, Desconstrução, Gênero, História da Literatura, Ideologia, Insciente, Influência, Leitor, Literatura, Literatura Negra, Nacionalismo Literário, Popular, Tempo, Teoria da Literatura, Texto e Tradução.



questão – debate supostamente superado – com foco aqui, nesta breve discussão, nos alcances, limites e mesmo na circulação de algumas escritoras negras. Ao compreender que um sistema simbólico ou de significações está estruturado por certas concepções culturais de masculino e feminino, o qual é responsável por organizar valores e hierarquias culturais sobre os conteúdos culturais (Lauretis, 2019), voltar-se para a materialidade literária pode ser bastante interessante, em especial se considerarmos a pluralidade de escritas e escritoras – que tensionam as normas estéticas. O projeto é #leiamulheres.

Muitos fios retorcidos da história: mulheres e/na literatura

Susana Bornéo Funck publicou em 2016 *Crítica literária feminista: uma trajetória*, livro que congrega textos produzidos pela estudiosa nas últimas décadas e atesta seu longo percurso acadêmico de intelectual feminista. O primeiro texto, “Mulher e literatura”, datado de 1985/1986, é uma versão traduzida da apresentação incluída no número temático 14 (1985) da revista *Ilha do Desterro*⁴ em torno desse tema. A apresentação elaborada por ela é especificamente pertinente para situar o debate realizado nesse momento no Brasil. Entre outras questões, discorre sobre a “premissa adotada tanto por homens quanto por mulheres de que há um padrão literário universal, descorporificado e assexuado” e, por esse motivo, “uma experiência considerada especificamente feminina não pode[ria] representar a experiência humana” (Funck, 2016, p. 20). Soma-se a isso a ideia de que na cultura ocidental a mulher (no singular) seria a “musa inspiradora”, a criatura, jamais a criadora, como observou Norma Telles em “Autor+a”: “a tradição estética definiu o dom da criação como essencialmente masculino [...], o artista é progenitor e procriador de seu texto – um patriarca estético.” (Telles, 1992, p. 51).

Na medida em que a linguagem hierarquiza e, nesse processo, estruturam-se mecanismos de poder e, portanto, de dominação e de prestígio, engendra um sistema linguístico que, via de regra, é masculino, branco, heterossexual, classe média (alta). Há pouco mais de 15 anos Regina Dalcastagnè (2007, p. 18) oportunamente escreveu que “o campo literário brasileiro se configura como um espaço de exclusão”. A maioria dos escritores brasileiros (publicados e lidos) é composta por homens, brancos, classe média e vivem majoritariamente nos grandes centros urbanos. É a partir dessa perspectiva (social) que elaboram suas produções. É por essa senda que podemos compreender a assertiva de Norma Telles (1992, p. 46) quando afirma que a “literatura escrita por mulheres é, em certo sentido, um palimpsesto, pois o desenho de superfície esconde ou obscurece um nível de significado mais profundo, menos acessível ou menos aceitável socialmente”. Seria menos acessível e aceitável justamente porque produzido por mulher(es) e que, por esse motivo, não seria capaz de representar a experiência humana, se retomarmos as contribuições de Funck (2016): universal, descorporificado e assexuado – como se isso fosse possível.

⁴ Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/issue/view/618>.



Quanto à recepção e circulação de determinada obra e/ou autora/or, vale ponderar que se alinham a determinadas práticas sociais, uma vez que tanto a escrita quanto a leitura “estão sujeitas a variadas formas de controle e têm sido utilizadas como instrumento de dominação social” (Reis, 1992, p. 72). Inevitavelmente, social e pessoal estão imbricados. Nesse sentido, Susana Funck ao tratar sobre as diferenças social e historicamente postas entre mulheres e homens, pondera que:

O problema é a diferença [ser] vista como sendo da mulher em relação ao homem. É o modo pelo qual a diferença é apreendida e tratada como imperativa e essencial. [...] E é por essa razão que temos necessidade de entender o discurso, a linguagem em uso, não como sistema transparente de significação do mundo, mas como o próprio instrumento de sua construção, pois o processo pelo qual adquirimos conhecimento é discursivo. (Funck, 2016, p. 357).

Conceição Evaristo, em entrevista concedida a Constância Lima Duarte durante o período de pandemia, é igualmente provocativa nessa questão ao ponderar sobre “um divisor entre escrita feminina e escrita masculina”:

Talvez os homens tenham lido o texto das mulheres, até hoje, ou talvez uma autoria branca leia o texto de uma autoria negra até hoje, conferindo um lugar que ele idealizou, e não o lugar que realmente é. Ele não percebe as diferenças, os sinais que o texto apresenta. Porque cada pessoa que lê também leva para o seu texto a sua experiência. Então, talvez nós, mulheres, leiamos o texto de outra mulher e percebamos muito da condição, da experiência humana de uma mulher. E talvez os homens não. Ou talvez, determinadas mulheres também não. Então, por isso que essa questão ainda perdura. E o que também chama atenção é que normalmente quando se pergunta: “Há uma literatura feminina?” ou “Há uma literatura escrita por mulheres?”, essa pergunta, às vezes, é capciosa, porque é uma pergunta que já entra negando, não é? Não é uma pergunta de quem quer investigar. É uma pergunta que já parte do pressuposto de que não há. (Duarte, 2022, p. 76).

Não por acaso, os esforços de recuperar escritoras que foram obliteradas na e pela história da literatura recebeu necessária atenção, para citar alguns nomes representativos dessa tarefa: a começar pela professora Zahidé Lupinacci Muzart que coordenou o projeto *Escritoras brasileiras do século XIX* (e que resultou na publicação de três volumes) e também esteve à frente da Editora Mulheres até seu falecimento, dedicando-se à reedição de diversas escritoras desse período (Muzart, 2004); Constância Lima Duarte que tem coordenado o estudo de resgate de escritoras com a publicação de *Memorial do memoricídio* (o primeiro volume foi lançado em 2022); e Maria Eunice Moreira, que se dedicou à investigação de escritoras do Rio Grande do Sul.

Nesse trabalho de resgate de escritoras vítimas de memoricídio – termo tão potente e atual retomado por Duarte (2022), é no primeiro volume de *Escritoras brasileiras do século XIX* que aparece Maria Firmina dos Reis (Muzart, 2000). Maranhense, seu nome é emblemático e sua produção tensiona, por exemplo, questões importantes sobre o debate



aboliconista na época, com a publicação, em 1859, do romance *Úrsula*, além de ter contribuído em diversos periódicos literários, a exemplo do conto “A escrava”, publicado pela primeira vez no número 3 da Revista Maranhense de 1887. Um trecho inicial da narrativa ilustra essa questão:

Admira-me, disse uma senhora, de sentimentos sinceramente aboliconistas; faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa, e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira!” (Reis, 2018, p. 193).

Também é importante destacar sua atuação enquanto docente e ter fundado, em 1880, uma escola gratuita para crianças de ambos os sexos, o que escandalizou os círculos locais, motivo pelo qual, poucos anos depois, precisou suspender as atividades da unidade escolar. “O fato de ter fundado a primeira escola mista do país mostra as ideias avançadas de Maria Firmina para a época.” (Muzart, 2000, p. 265). Apesar de sua relevância e qualidade literárias, sua produção e contribuição ficaram em suspensão por muito tempo, tendo sido revistas sobretudo nos últimos anos graças às investigações de resgate de escritoras. Esse trabalho tem especial significado quando, além do gênero, outros marcadores, como raça, etnia, sexualidade, entre outros, atravessam a circulação e a recepção de produções literárias.

Constância Lima Duarte (2009) aponta que a literatura de autoria assumidamente negra é ao mesmo tempo projeto político e social, testemunho e ficção. Por isso suas produções são – como propõe bell hooks (2019) – ato de resistência, uma vez que a literatura possibilita a representação estética, no sentido pensado por Simone Pereira Schmidt (2016, p. 19), “ainda desconhecida para a maioria das pessoas, mesmo aquelas que habitam, como nós, um país onde metade da população se declara negra.” Esse ponto explica – não sem grande constrangimento – a dificuldade de certos grupos sociais (muito elitistas) para lidarem com demandas e realidades tão prementes.

Para ilustrar, é interessante voltar a alguns eventos/acontecimentos que envolveram escritoras negras. Fevereiro de 2017 marcou o cinquentenário de falecimento de Carolina Maria de Jesus. Escritora conhecida pelo potente *Quarto de despejo*, escreveu muitos outros textos, mas conhecemos, especialmente, este, não por acaso, o “diário de uma favelada”, primeiramente editado e organizado por Audálio Dantas (Dalcastagnè, 2007). *Quarto de despejo* integrou a lista de leituras recomendadas pela UFRGS para o vestibular (2018) e pela UNICAMP (2019), além de ter aparecido em questões do ENEM. Em 17 de abril daquele ano a Academia Carioca de Letras realizou o Fórum Carioca de Cultura vinculado à série “Mulheres na Literatura”. A atividade contou com a presença do acadêmico Ivan Cavalcanti Proença, do cantor e compositor Martinho da Vila e da poeta e atriz Elisa Lucinda e teve grande repercussões nas redes sociais.

Alguns dias após a realização do evento, Elisa Lucinda (2017) publicou “Carolina de Jesus é literatura sim!” para contestar a análise feita por Ivan Proença na oportunidade.



Miriane Peregrino (2017) escreveu “Favela dá escritor?”. Maria Fortuna (2017), no blog d’O Globo, publicou “Livro de ex-catadora provoca ‘racha’ na Academia Carioca de Letras”. O título deste texto, considerando os campos semânticos convocados, é significativo, pois dá destaque ao lugar periférico que Carolina ocupou – catadora de lixo e moradora da Favela de Canindé, em São Paulo – seguido da informação sobre onde ocorreu o embate: a Academia Carioca de Letras. Ruptura aparentemente inevitável que a informalidade do termo “racha” – entre aspas no título – demarca.

Por sua vez, na página da Academia Carioca de Letras, o trabalho de moderação atuou para avaliar o conteúdo dos comentários publicados por usuários do Facebook na postagem relativa à atividade. Vale destacar que a imagem que acompanha a postagem é protagonizada por Elisa Lucinda. O enquadramento da imagem destaca, de cima para baixo, o rosto, os cabelos crespos com tranças, o sorriso de Elisa. Embora os registros de discursos de ódio não possam ser acessados, felizmente, ficam as respostas da moderação alertando sobre isso, justificando a exclusão de certos comentários:

O comentário do senhor está sendo removido, porque o senhor ofende pessoas. A moderação da página não está censurando o seu comentário. Isso é moderar comentários de discursos de ódio, porque aprendemos a sermos éticos em ambientes acadêmicos. (Academia, 2017)

Em 2021, quando a Companhia das Letras reeditou os dois volumes de *Casa de alvenaria* (v. 1 – Osasco, v. 2 – Santana) e contou, entre outras pessoas, com a curadoria de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus para sua realização. A nova edição motivou outro debate, bastante acalorado (Próspero, 2021) quando às escolhas editoriais de não revisar os textos da escritora. Ao passo que houve a defesa da importância de uma revisão textual para redimir abordagens voltadas para certo exotismo da escritora – tal como pode ser verificado na edição comemorativa aos 60 anos de *Quarto de despejo* lançado pela Ática em que há a perceptível atuação do editor no texto de Carolina – Cidinha da Silva, em torno desse debate, contribui para ponderar, justamente, de que a falta da norma culta não deveria ser empecilho para apreender a complexidade e profundidade de seus textos: “O Conselho decidiu não higienizá-la, esvaziá-la, determinou-se a apresentá-la da maneira mais integral possível. Uma apresentação para leitores e leitoras, não voltada apenas para especialistas, como uma reivindicação que li no debate.” (Rebinski, 2021).

Quanto à trajetória de Conceição Evaristo, escritora já consagrada no Brasil e no exterior – em especial depois de 2015 quando participou do Salão do Livro de Paris (Neves, 2015), ano em que o Brasil foi convidado de honra da edição recebendo também atenção da mídia brasileira – mesmo ano em o livro de contos *Olhos d’água* recebeu prêmio Jabuti, cujo título, desde então, tem figurado na lista de indicação de leitura de diversos vestibulares, como da UFSC, UDESC, UEMG, UNICAMP, entre outros⁵. Sua atuação como

⁵ A discussão acerca das obras indicadas para leituras sempre causa muitos embates – e furor em diferentes medidas. Importante destacar a recente lista divulgada pela Funvest (responsável pela realização do vestibular na USP) válida para as edições de 2026 a 2028, é composta somente por escritoras de língua

escritora e intelectual tem suscitado muitos debates, como ocorreu quando encaminhou sua candidatura à cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras. Como sintetiza Édma de Góes (2018), “[a] chegada da escritora à Academia seria um feito histórico para a literatura brasileira e de forma mais ampla para mulheres negras, cujo lugar da escrita não foi dado como natural”. Quando de sua participação no Salão do Livro de Paris, Conceição comentou que “a presença da negra fora das instâncias em que se está acostumado a vê-la causa furor”, o que não aconteceria se “fosse um festival de gastronomia em que baianas estivessem preparando acarajés.” (Neves, 2015).

Em “Falando de *Ponciá Vicêncio*” texto que abre a edição de 2017 do romance que, em 2023, completou 20 anos de seu lançamento, Conceição Evaristo lembra sobre sua “primeira publicação *solo*”:

Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. **O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a ser vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social.** (Evaristo, [2003] 2017, grifos meus)

Como observa Conceição Evaristo acerca dos desafios de publicar, não apenas gênero, mas também questões étnicas e sociais impactam e comprometem tanto a publicação quanto a circulação da produção literária de algumas mulheres. E mesmo quando a visibilidade já está conquistada, ainda assim sua produção em certos espaços não é bem recebida, mesmo em se tratando de lugares de formação, como é o caso de instituições de ensino. Basta lembrar do caso da professora de história que foi afastada de uma turma de uma escola privada da cidade de Salvador/BA porque um grupo de estudantes e respectivos responsáveis não consideraram a discussão do livro de contos *Olhos d’água* apropriado para “lidar com uma dor que não é nossa” (Muniz, 2021). Reação bastante controversa e alarmante, mas que ressoa de práticas e modos de ler muito conservadores. Na contramão dessa repercussão, é importante mencionar que esse livro de Conceição Evaristo integra o programa *Árvore – Leitura transforma* – e portanto está presente em escolas públicas e privadas de todo o país.

Em *Memórias da plantação*, Grada Kilomba (2019, p. 49) narra sua estratégia didática, no início de cada semestre, para oferecer às suas turmas a “noção de como o conhecimento e o poder racial se entrelaçam”. A partir das perguntas que elabora⁶, nas

portuguesa: Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Djaimilia Pereira de Almeida, Julia Lopes de Almeida, Lygia Fagundes Telles, Narcisa Amália, Nísia Floresta, Paulina Chiziane, Rachel de Queiroz e Sophia de Mello Breyner Andresen (Portal do Governo, 2023).

⁶ “Primeiro nós contamos quantas pessoas há na sala. Então, começo a fazer perguntas muito simples: O que foi a Conferência de Berlim em 1884-85? Quais países africanos foram colonizados pela Alemanha?”

quais a maioria das/os estudantes brancas/os são incapazes de responder corretamente a boa parte dos questionamentos, são as/os estudantes negras/os responsáveis por responder corretamente à maioria delas. Entre suas reflexões desse exercício, provoca: por que as/os estudantes branca/os “não possuem aquele conhecimento. Quem sabe o quê? E por quê?” (Kilomba, 2019, p. 50). Explica que, por conta do sistema racista, as vozes negras “têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido” (Kilomba, 2019, p. 51). Nessa lógica, a academia (a universidade e/ou a escola) não é um espaço neutro, o conhecimento, a erudição, a ciência são válidos e validados pelo discurso do sujeito branco. Isso produz uma hierarquia de quem pode falar. Como resultado, explica, “o trabalho de escritoras/es e intelectuais *negras/os* permanece, em geral, fora do corpo acadêmico e de suas agendas” (Kilomba, 2019, p. 52-53).

Por isso, a estudiosa reivindica a necessidade urgente de “descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento”, romper com a ideia de ciência e erudição fortemente pautada na branquitude, haja vista que “o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva e científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder e de ‘raça’” (Kilomba, 2019, p. 53). Nessa lógica, continua, qualquer forma de saber que não esteja alinhada à lógica eurocêntrica do conhecimento tem sido sistematicamente rejeitada. Como consequência, “os discursos de intelectuais *negras/os* [são considerados] menos válidos” (Kilomba, 2019, p. 54).

Essa importante discussão elaborada por Grada Kilomba pode se estender também a escritoras/es e intelectuais indígenas. Para exemplificar essa questão, é interessante retomarmos as notícias da recente eleição de Ailton Krenak para a Academia Brasileira de Letras. Entre as publicações, foi enfatizado o fato de que o escritor não teria o hábito de escrever, uma vez que segue a tradição indígena da oralidade (G1, 2023). Tal perspectiva está pautada, retomando Reis (1992), na lógica de que escrita e leitura são mecanismos de controle e de hierarquização. Apesar desse tipo de discurso, a indicação e nomeação de Krenak – uma pessoa que se formou distante dos cânones literários – faz pensar que as fronteiras da Academia estão sendo ampliadas, oportunizando que a instituição esteja mais conectada aos desafios da contemporaneidade, nessa relação entre a literatura e sociedade (SAES, 2023).

Ainda sobre sua participação no Salão do Livro em Paris, Conceição Evaristo discorre: “[s]ei que meu caso chama a atenção porque não é muito comum uma escritora brasileira negra participar de uma feira internacional. A gente fica como fruta rara”. Provocativamente, comenta que há outras escritoras negras brasileiras, para além de seu nome: “E não é que não tenhamos autoras negras. Geni Guimarães, Mira Alves, Ana Maria Gonçalves, Lia Vieira são só algumas” (Neves, 2015), além de tantas outras escritoras que poderiam ser incluídas nessa lista iniciada por Evaristo. É essa provocação que motiva

Quantos anos durou a colonização alemã no continente africano? E concluo com perguntas mais específicas: Quem foi a Rainha Nzinga e que papel ela teve na luta contra a colonização europeia? Quem escreveu *Pele negra, Máscara Brancas*? Quem foi May Ayim?” (Kilomba, 2019, p. 49)



pensarmos por que outras, para além das mencionadas por ela, não tem recebido atenção do mercado (editorial, da imprensa etc.)

O seu texto tem a escrevivência como conceito. Em *Canção para ninar menino grande* a narradora, ao trazer as histórias de tantas mulheres: de Juventina (Tina), Neide, Pérola Maria, Angelina, Dalva, Eleonora, explica que entre o exercício da escuta e a escrita, “a letra não agarra tudo que o corpo diz. Na escrita faltam os gestos, os olhares, a boca entreaberta de onde vazam ruídos e não palavras.” (Evaristo, 2023, p. 8-9). Se é difícil traduzir os interfluxos da memória, o mesmo ocorre com a escrita: “Imaginem perseguir uma escrevivência. Agarrar a vida, a existência, e escrevê-la em seu estado de acontecimentos.” (Evaristo, 2023, p. 9). Ao deixar de significar uma experiência pessoal, individual, a escrevivência mobiliza “muitas, plurais e diversas vozes” (Evaristo, 2023, p. 9). Das vozes plurais, os fios das (des)memórias ecoam sobre os amores, as dores e sobre a solidão de Fio Jasmim.

Ao entendermos que o ato de escrita é um ato político (tal como a escrevivência proposta por Conceição Evaristo como um conceito-chave a ser expandido), entendemos que o ato de escrita é “[...] um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais, tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (Kilomba, 2019, p. 28). A escrita mobiliza e produz contranarrativas.

Para encerrar, por ora, a conversa

No romance de Evaristo, ao passo que a narradora exercita a escrevivência de tantas vozes e memórias femininas, nessa história tecida por mulheres em torno de seus afetos, amores e dores, Fio Jasmim, apesar das tantas mulheres que teve em sua vida – conquistar mulheres sempre lhe havia sido estimulado, desde muito jovem – apenas depois de se tornar amigo de Eleonora Distinta de Sá e ficar sabendo de partes da vida dela, sentiu-se abismado: “Ele nunca tinha prestado muito atenção ao sofrimento dos outros, nem dele próprio.” (Evaristo, 2023, p. 119-120). Afinal, todas as dores que ele havia um dia sentido, seu sentimento de solidão, precisavam permanecer sempre muito bem guardados – até mesmo o evento em que, por ser um menino negro, não pode interpretar o papel de príncipe na escola. “Foi preciso que esse homem, que se julgava perfeito, encontrasse com Eleonora Distinta de Sá, para que ele se atentasse para as próprias dores e para as que existem no mundo.” (Evaristo, 2023, p. 120).

Ao lançar-se literariamente sobre a solidão do homem negro (Biderman, 2022), Conceição Evaristo atua no sentido próximo ao que Grada Kilomba propõe sobre o trabalho de escritoras/es e acadêmicas/os *negras/os*⁷: “estamos transformando configurações de conhecimento e poder à medida que nos vemos entre limites opressivos, entre a margem e o centro” (Kilomba, 2019, p. 59). Ao mobilizar e movimentar vozes, vidas, experiências

⁷ Opto, aqui, por manter o destaque conforme a escolha editorial de Kilomba.



negras – de modo a tensionar, questionar, romper com o cânone eurocentrado, contribui para que haja transformações da configuração de conhecimento. Esse movimento, vai ao encontro das palavras da autora de *Ponciá Vicêncio* na já citada entrevista concedida a Constância Lima Duarte sobre o motivo pelo qual esse romance tem a potência de seduzir “homens brancos, mulheres brancas, negras, gays, jovens, velhos...”. Conforme explica:

Alguém há pouco tempo me disse: “Você dá voz aos subalternizados” ou “Você dá voz às mulheres negras”. **Eu não dou voz nem aos subalternizados, nem às mulheres negras. Eu falo como tal. Essa é a minha voz. A voz de mulher subalternizada é a minha voz de mulher negra. Então, eu não dou voz. Eu falo com essas pessoas. Mas há um aspecto também que trago, que elaboro no texto e que as personagens trazem: se trata da solidão humana.** É uma composição para o personagem e que me seduz muito também. Trazer os personagens com a sua solidão, com as suas indagações diante da vida. *Ponciá* é um texto que seduz homens brancos, mulheres brancas, negras, gays, jovens, velhos... **Porque Ponciá é uma personagem extremamente só. Extremamente só. Há uma diversidade muito grande de pessoas que leem esse texto, e em algum momento a pessoa se encontra no texto. A solidão de Ponciá nos incomoda.** (Duarte, 2022, p. 77, grifos meus)

Em 2023 Conceição Evaristo recebeu o Prêmio Juca Pato – mantido pela União Brasileira de Escritores (UBE) – como intelectual do ano⁸ pela publicação, no ano anterior, do já citado romance *Canção para ninar menino grande*. Essa é a primeira vez que, desde sua criação em 1963, o prêmio foi concedido a uma mulher negra⁹. Embora Conceição tenha colecionado homenagens e premiações nos últimos anos, há um caminho longo ainda a ser percorrido para que muitas outras escritoras negras, como Cristiane Sobral, Jarid Arraes, Marilene Felinto – mas não apenas – façam parte de nosso repertório cultural, alargando e ampliando as representações estéticas. Ainda mais em um país onde mais da metade da população se declara negra¹⁰ (IBGE, 2023; Schmidt, 2016).

Referências

ACADEMIA CARIOCA de Letras. Hoje a Academia foi agraciada com a presença ilustre de Martinho da Vila e a poeta Elisa Lucinda [...]. **Facebook**, 17 abr. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/academiacariocadeletras/photos/a.1140106629353780/1501885806509192>. Acesso em: 10 out. 2023.

⁸ “A escolha de Conceição Evaristo foi feita a partir de um voto dos associados da UBE. O prêmio, segundo a entidade, é concedido à personalidade que tenha publicado livro no Brasil, no ano anterior, e se destacado, pelo conjunto da obra, em qualquer área do conhecimento, valorizando e representando os ideais democráticos” (Chade, 2023).

⁹ A lista de vencedores/as desde a década de 1960 pode ser conferida no site da UBE: <https://ube.org.br/juca-pato-2023/vencedores/>. Acesso em 11 out. 2023.

¹⁰ Sobre isso, é importante registrar que “As informações geradas pela PNAD Contínua mostram que, entre 2012 e 2022, a população que se declarava de cor ou raça branca apresentou uma redução de 3,5 pontos percentuais em sua participação na população total, variando de 46,3%, em 2012, para 42,8%, em 2022. Essa queda de participação da população branca foi mais acentuada na primeira metade da série, entre 2012 e 2017, com menor variação no período mais recente.” (IBGE, 2023, p. 12)



BIDERMAN, Iara. Ninar para acordar gente grande. **Quatro cinco um**, 15 dez. 2022 às 19h06 e atualizado em 30 dez. 2022 às 12h09. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/entrevistas/literatura-brasileira/ninar-para-acordar-gente-grande>. Acesso em: 11 out. 2023.

CHADE, Jamil. Conceição Evaristo vence Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano. **UOL**, 16/09/2023 às 08h57 e atualizado em 18/09/2023 às 15h40. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/09/16/conceicao-evaristovence-trofeu-juca-pato-de-intelectual-do-ano.htm>. Acesso em: 10 out. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, v. 42, p. 18-31, 2007. Disponível on-line em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/4110/3112>. Acesso em 08 out. 2023.

DUARTE, Constância Lima. Entrevista com a escritora Conceição Evaristo: uma obra comprometida com a negritude. **Revista Cronos**, v. 23, n. 1, p. 74-81, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/34438>. Acesso em: 28 out. 2023.

DUARTE, Constância Lima (org.). **Memorial do memoricídio**: escritoras brasileiras esquecidas pela história. Belo Horizonte: Editora Luas, v. 1, 2022.

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. *In*: TORNQUIST, Carmen Susana; COELHO, Clair Castilhos; LAGO, Mara Coelho de Souza; LISBOA, Teresa Kleba. **Leituras de resistência**: corpo violência, poder. Florianópolis: Mulheres, 2009, p. 315-324. v.1.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.

EVARISTO, Conceição. Falando de *Ponciá Vicêncio*. *In*: EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, [2003] 2017.

FORTUNA, Maria. Livro de ex-catadora provoca 'racha' na Academia Carioca de Letras. **O Globo**, 19 abr. 2017 às 13:40. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/livro-de-ex-catadora-provoca-racha-na-academia-carioca-de-letras.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

FUNCK, Susana Bornéo. Mulher e literatura. *In*: FUNCK, Susana Bornéo. **Crítica literária feminista**: uma trajetória. Florianópolis: Insular, 2016, p. 19-26.

GÓES, Edma de. Conceição Evaristo na ABL: um passo para descolonizar o pensamento. **El País**, opinião, 29 ago. 2018 às 22:14. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/opinion/1535572605_988143.html. Acesso em: 10 out. 2023.

G1. 1º indígena na Academia Brasileira de Letras, Krenak não tem hábito de escrever; entenda. **G1**, 05 out. 2023 às 21h33. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2023/10/05/ailton-krenak-primeiro-indigena-na-academia-brasileira-de-letras-nao-tem-habito-de-escrever-entenda.ghtml>. Acesso em 11 out. 2023.



IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Características gerais dos domicílios e dos moradores 2022**. Rio de Janeiro, IBGE, 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102004_informativo.pdf. Acesso em: 11 out. 2023.

JOBIM, José Luis. História de Literatura. *In*: JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 127-149.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 121-155.

LUCINDA, Elisa. Carolina de Jesus é literatura sim!. **Publishnews**, 24 abr. 2017. Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/materias/2017/04/24/carolina-de-jesus-e-literatura-sim>. Acesso em: 10 out. 2023.

MUNIZ, Tailane. Professora do Vitória Régia é afastada de turma por abordar livro de escritora negra em sala de aula. **Metro1**, 19 nov. 2021 às 15:25. Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/cidade/115433,professora-do-vitoria-regia-e-afastada-de-turma-por-abordar-livro-de-escritora-negra-em-sala-de-aula>. Acesso em: 08 out. 2023.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Histórias da editora Mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. esp., p. 103-105, set./dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300011>. Acesso em: 09 out. 2023.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. *In*: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**. 2.ed. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Mulheres; EDUNISC, v. 1, 2000. p. 264-284.

NEVES, Lucas. Negra em Salão do Livro causa furor, diz autora brasileira. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, 23 mar. 2015 às 02h22. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/03/1606652-negra-em-salao-do-livro-causa-furor-diz-autora-brasileira.shtml>. Acesso em 10 out. 2023.

PORTAL DO Governo. Fuvest: livros escritos por mulheres vão compor lista obrigatória entre 2026 e 2028. **São Paulo, Governo do Estado**, Últimas notícias, 07 dez. 2023 às 7h04. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/fuvest-inclui-livros-escritos-por-mulheres-em-sua-lista-obrigatoria-de-2026/>. Acesso em 10 jan. 2024.

PEREGRINO, Miriane. Favela dá escritor?. **O Cidadão**. 23 abr. 2017. Disponível em: <http://jornalocidadao.net/a-favela-da-escritor/>. Acesso em: 10 out. 2023.

PROSPERO, Carolina. As polêmicas na nova edição de “Casa de Alvenaria”, de Carolina Maria de Jesus. **Homo Literatus**, 27 set. 2021. Disponível em: <https://homoliteratus.com/as-polemicas-na-nova-edicao-de-casa-de-alvenaria-de-carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 08 out. 2023.



REBINSKI, Luiz. Novas edições reacendem polêmicas sobre Carolina Maria de Jesus. **Rascunho**, o jornal de literatura do Brasil, 05/09/2021. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/novas-edicoes-reascendem-polemicas-sobre-carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 09 out. 2023.

REIS, Maria Firmina dos. A escrava. *In*: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 7.ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018, p. 193-207.

REIS, Roberto. Cânon. *In*: JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da crítica**: tendências e conceitos no estudo da Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92.

SAES, Alexandre M. Ailton Krenak, uma voz indígena na Academia Brasileira de Letras. **Jornal USP**, 11 out. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulistas/alexandre-macchione-saes/airton-krenak-uma-voz-indigena-na-academia-brasileira-de-letras/>. Acesso em: 16 out. 2023.

SCHMIDT, Simone Pereira. Sexo, raça, gênero na lógica colonial: o que contam as mulheres. *In*: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Trajetórias de literatura e gênero**: territórios reinventados. Caxias do Sul: Editora da UCS, 2016, p. 13-24.

TELLES, Norma. Autor+a. *In*: JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da crítica**: tendências e conceitos no estudo da Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 45-63.

NOTAS DE AUTORIA

Jair Zandoná (jzandona@gmail.com) é doutor e mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É um dos editores da Revista Anuário de Literatura (PPGL/UFSC) e editor de resenhas da Revista Estudos Feministas (REF). Integra o quadro de pesquisadores/as do Instituto de Estudos de Gênero/UFSC, do Literatual/UFSC e do Grupo de Estudos no Campo Discursivo/UFSC. Atualmente, é professor visitante no PPGEL da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

ZANDONÁ, Jair. A literatura para além/aquém da linguagem: algumas questões em torno da literatura brasileira escrita por mulheres negras. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 29, p. 01-14, 2024.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência, e Tecnologia de Mato Grosso do Sul – FUNDECT/MS – Termo de outorga 176/2023

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses



Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 28/01/2024

Aprovado em: 08/05/2024

Publicado em: 16/08/2024

